

# João Pessoa - Número Três - Dezembro de 2001

## O mal-estar do corpo disciplinado

**Francynaldo Jales Ataíde de Melo**

*Graduado em Ciências Sociais,  
Mestrando pelo Programa  
de Pós-Graduação em Sociologia  
da Universidade Federal da Paraíba  
(Campus I - João Pessoa).*

*"Há mais razão no seu corpo do que na sua melhor sabedoria."*

Nietzsche.

### Introdução

Comumente, a mídia noticia reportagens que configuram o sofrimento do homem moderno tomado por uma angústia existencial profunda, tendo como consequências - ao nível da sociabilidade - o distanciamento dos amigos e dos familiares, bem como perda da capacidade produtiva ou, até mesmo, do emprego. Diante deste fato, fiquei curioso em identificar aspectos sociológicos que influenciam no desenvolvimento deste sofrimento, o qual se não fosse penoso, seria poético.

Neste sentido, não insisto numa abordagem teórica específica acerca desta angústia existencial com o intuito de rotulá-la dentro dos parâmetros psicanalíticos. Porém, sabendo que, irremediavelmente, o ser humano encontra-se numa estrutura social que o precede, penso que parte de seus conflitos tenham fortes influências da sociedade, da cultura.

Desta forma, encontro espaço para uma análise sociológica respaldada, inicialmente, no texto de Freud acerca da cultura - "O Mal-estar na Civilização". Freud analisa o confronto existente entre a busca da felicidade e a subjugação desta à viabilização das estruturas sociais. Nesta tensão entre natureza e sociedade, o corpo padece, sofre.

Com o objetivo de atribuir ao corpo um caráter sócio-cultural, faço uso do conceito de **corpo disciplinado**, de autoria de Michel Foucault. Este conceito nos elucida acerca do esquadramento e das normatizações aos quais se submete o corpo na modernidade. Sem dúvida, mais uma fonte de angústia que aflige o homem moderno. Com Foucault, veremos como o corpo pode gritar a sua dor e aliviar a domesticação a qual se submete.

### Pensando o corpo: de Freud a Foucault

Tendo como parâmetro o texto "O Mal-estar na Civilização", penso numa angústia existencial originária no conflito homem-sociedade. Segundo as palavras de Freud, seria o princípio de prazer (busca de prazer e felicidade) *versus* o princípio de

realidade(relações sociais- causa principal do mal-estar do homem moderno). Assim nos alumia Freud:

*"O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução(...); do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens."* (Freud, 1974: 95)

Diante deste quadro, torna-se inevitável o achatamento do princípio do prazer em proveito das obrigações sociais- exercício do papel de pai, filho, marido, profissional...

Freud nos apresenta o corpo como um veículo passível de sofrimento, devido à sua degradação ou mortes orgânicas parciais. Com isso, há meios que possibilitam aliviar o sofrimento do corpo: as drogas intoxicantes. Para Freud, os *"veículos intoxicantes usados na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça são tão altamente apreciados como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido"* (1974: 97). Porém, o inconveniente que as drogas podem causar diz respeito à sua capacidade de causar danos. Então, um subterfúgio mais saudável deveria ser explorado no campo das satisfações substitutivas, como por exemplo, a arte, *"graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental"* (1974: 93).

Entretanto, procuro acrescentar – dentro da temática do corpo- não mais uma degradação, mas uma manipulação promovida pela sociedade ao corpo dos indivíduos. Aqui, valido-me da contribuição teórica de Foucault. Para este, a manipulação em voga não passa pelo crivo da violência física ou psíquica, mas promove o fortalecimento do corpo, esquadrinhando-o meticulosamente em relações de poder extremamente sutis.

Primeiramente, devemos estabelecer e caracterizar este corpo domado por relações de poder que caracteriza a modernidade. Senão, vejamos: *"Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar 'as disciplinas'."* (Foucault, 1998: 118) Sob o prisma de Foucault, o corpo humano passa por um processo de submissão e controle com a intenção de torná-lo apto à atividade econômica, em detrimento de seu potencial de contestação e de revolta, em termos de uma sujeição ininterrupta.

Porquanto, o corpo torna-se refém do potencial que lhe é destinado em prol da reprodutibilidade do sistema capitalista.

*"Uma 'anatomia política', que é também uma 'mecânica de poder', está nascendo(...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, 'corpos dóceis'."* (Foucault, 1998: 119)

É válido ressaltar que as disciplinas operam segundo uma lógica sutil e discreta, através de técnicas minuciosas e íntimas, *"porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova 'microfísica do poder'..."* (Foucault, 1998: 120).

De acordo com este raciocínio, o corpo passa a ser uma materialidade produzida socialmente, caracterizada por efetivar-se como peça de uma engrenagem anátomo-política que permite o controle e utilização inesgotável dos homens. Eis as palavras de Foucault:

"(...) não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos." (Foucault, 1993: 146)

Mas, não sejamos ingênuos ao percebermos o corpo envolto em relações de poder caracterizadas por repressão, uma vez que, na verdade, há a imbricação de saberes que propiciam um maior conhecimento acerca do indivíduo. Foucault nos esclarece que:

"Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele 'exclui', ele 'reprime'(...)."

Na verdade, o poder produz, ele "*produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter, se originam nessa produção.*" (Foucault, 1998: 161) Foucault nos elucida que este corpo disciplinado não responde sempre de forma subserviente às normatizações as quais é submetido, já que "haverá sempre formas de escapar às malhas da rede e que as resistências desempenharão seu papel"(FOUCAULT, 1993.P.224)

Com isto, cada intenção de tornar o corpo dócil engendra uma ação de contra-poder, cartografando uma estratégia de resistência.

À tecnologia de poder que "*prescreve (...) a cada um seu corpo, a cada um sua doença e sua morte(...) por meio de um poder onipresente e onisciente*" (Foucault, 1998: 163), o corpo se rebela através de microlutas:

"*Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais insidioso.*" (Foucault, 1993: 71)

É válido ressaltar que Foucault atribui um caráter planetário a esta luta do corpo contra o poder; senão, vejamos:

"(...) se é contra o poder que se luta, então todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade(ou passividade) própria(...) Evidentemente como aliado do proletariado pois, se o poder se exerce (...) é para manter a exploração capitalista." (Foucault, 1993: 77)

Indubitavelmente, cada luta significa solidariedade ao movimento revolucionário contra o sistema de poder.

Assim, como o poder se encontra fragmentado e pulverizado no social, cabe a cada um que se sinta oprimido desencadear estratégias de resistências localizadas que venham a reverter o sistema de poder, pois este encontra-se e passa por cada um de nós. Já que, "*esse sistema em que vivemos nada pode suportar*" (Foucault, 1993: 72).

### **Uma proposta de articulação**

No "Mal-estar na Civilização", Freud perpassa a imagem do corpo como um abrigo do caos, um habitat da degradação e da infelicidade. Por isso, só o fato de conseguirmos evitar o sofrimento já pressupõe um grau elevado de felicidade; destarte, o princípio do prazer se reduziria a amenizar a ferocidade do princípio de realidade.

Sob o meu ponto de vista, poderíamos confluir este pensamento de Freud com o binômio poder-contra-poder em Foucault, haja vista que ambos os pensadores

sugestionam mecanismos que possibilitem engendrar fissuras na relação intrínseca homem-sociedade.

Partindo desta assertiva, temos o corpo disciplinado que não se rende à lógica do capitalismo e empreende confronto às normas. Este conflito constante poderia ser lido- segundo os parâmetros de Freud- como uma tentativa de diminuir a ação ou a força do princípio de realidade, com o intuito de diminuir o desprazer ou sofrimento.

Porquanto, para Freud o corpo é o caos; enquanto para Foucault, o corpo é passível de sofrimento, já que depende de como o indivíduo gerencia a ação de poder sobre si mesmo. A forma como se estabelece uma estratégia de resistência, já configura, em seu seio, uma tentativa de diminuir a opressão sobre o corpo disciplinado e, por conseguinte, afastar o sofrimento.

Faz-se mister sublinhar que o poder não apenas reprime, mas produz. Desta forma, é possível utilizá-lo como um mecanismo que engendre contra-poder. Daí, o corpo detém uma funcionalidade importante, uma vez que é através dele que o poder ambiciona controlar a sociedade. Afinal de contas, estamos imersos em um processo político e, sendo assim, a revolta do corpo constitui um ponto fulcral contra as formas de controle explicitadas pela sociedade. Até porque, procuramos sempre ser felizes.

## **Bibliografia**

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993.  
\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FREUD, Sigmund. **O 'Futuro de uma ilusão', 'O Mal-estar na Civilização' e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.